

A LEITURA E A CHARGE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES

Ellen Cristina de Santana dos SANTOS

Isabela Barbosa PEREIRA

Kamilla de Andrade SIMÕES

Orientadora: Profª. Ms. Regina Helena de Almeida DURIGAN

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre a importância da leitura. Fazer com que o aluno reflita textos verbais e verbo-visuais, que se sinta incluído nas relações sociais e se perceba como sujeito. Que possa compreender e interagir com o texto. Para tanto, adotamos como embasamento teórico estudos sobre a importância da leitura apresentado por Martins(1993) e Durigan (2003). A respeito de gêneros discursivos, utilizamos os estudiosos que caminham na esteira do filósofo Mikhail Bakhtin, a saber: Fiorin (2006); Brait (2005) e Machado (2005). Para a análise, utilizamos as charges de alguns chargistas como Borega (22/05/2010), Iotti (15/09/2011) e Angeli (23/05/2011) para que o leitor possa refletir, discutir, analisar conceitos que estão implícitos nelas. Ressaltamos que para o processo de formação de leitores é de extrema importância que a leitura se faça presente durante todo esse processo, e com isso provocar no leitor o interesse pela leitura, despertando no mesmo uma visão mais crítica da sua própria realidade, utilizando as charges como gênero textual tão carregado de recursos linguísticos, conseguindo, assim, alcançar o entendimento não apenas do texto escrito, mas também o que está nas entrelinhas do texto.

Palavras-chave: leitura; ensino-aprendizagem; charge.

Abstract: This paper aims to discuss the importance of reading. Have students reflect verbal texts and visual verb, to feel included in social relations and is perceived as a subject. Who can understand and interact with the text. For this purpose we adopted as a theoretical foundation studies on the importance of reading and presented by Martins Durigan. Regarding genres, scholars used to walk in the wake of the philosopher Mikhail Bakhtin, namely Fiorin; Brait and Machado. For analysis of some of the cartoons and cartoonists Borega, Iotti and Angeli, which enables the reader to reflect, discuss, analyze concepts that are implicit in them. Noting that for the process of educating readers is very important that this reading is done throughout this process, and thus causing the reader's interest for reading, and reader in awakening a more critical view of their own reality, using the cartoons as a genre so full of linguistic resources thus achieving reaching understanding not only of the written text, but also what's between the lines of text.

Keywords: Reading; teaching-learning and charge.

Introdução

Vivemos em uma sociedade em que a maioria da população já se introduziu na era da tecnologia que vem crescendo a cada dia mais. Desta forma, podemos perceber que as mídias, se bem utilizadas na educação, podem ser consideradas

como uma maneira de favorecer o desenvolvimento e o processo de ensino aprendizagem dos alunos em sala de aula.

Nosso trabalho parte do princípio da conscientização da importância do hábito da leitura para o processo de formação de leitores de visão crítica em relação à própria realidade, e o modo como esses leitores podem analisar e compreender não apenas o que está escrito, mas também o que está nas entrelinhas, o que está implícito, ou seja, o que o texto mostra, mas não diz claramente. Sabemos que se trata de um aprendizado mais natural do que se costuma pensar, mas tão exigente e complexo como a própria vida. A leitura em geral nos dá a compreensão, o sentido do que, e de quem nos cerca, o primeiro passo é surpreender, pois mostra para o leitor iniciante o sentido da vida.

Buscamos compreender a contribuição da leitura no processo de formação do aluno-leitor, investigar sobre os gêneros do discurso e sua utilização em sala de aula, através de diversos gêneros que facilitam a formação crítica do indivíduo, como por exemplo a charge.

Optamos por trabalhar com a charge, pois este tipo de gênero tem como característica, manter os discursos implícitos, nas entrelinhas, como já falamos anteriormente, também por ser um gênero textual que nos proporciona bastante recursos relacionados com a prática de leitura, possui uma riqueza de discurso linguístico e vai auxiliar no que diz respeito a nossa percepção para avaliar essa linguagem de uma maneira mais dinâmica e prazerosa de se trabalhar com a leitura em sala de aula.

O nosso objetivo é discutir sobre a importância da leitura e os conceitos de gênero do discurso e realizar análises sobre a charge, mostrar a importância do uso da mídia em sala, especificamente esse gênero charge.

Através da percepção de que ainda há deficiências no ato de ler, nossa pesquisa baseia-se na reflexão da inserção do indivíduo como sujeito ativo, através da leitura crítica. Partimos da questão do uso desses recursos, utilizando a mídia em sala, e ainda, refletimos sobre a questão: Será que o uso da charge poderia contribuir para a reflexão dos questionamentos sociais?

O interesse deste tema surgiu a partir de trabalhos realizados por nós anteriormente, em que foram discutidos gêneros do discurso e os recursos que podem ser utilizados em sala de aula. Vale ressaltar que a leitura se constitui como um fazer que dá

condições para que o aluno se sinta incluído nas relações sociais e se perceba como sujeito.

Discutiremos e abordaremos tais aspectos por meio de uma pesquisa bibliográfica sobre: o que é leitura, gêneros discursivos, passando pelos gêneros midiáticos, explicando especialmente a charge, sua análise e seus inúmeros sentidos. E para chegar à essas conclusões e obter resultados com essa pesquisa iremos nos basear em teóricos como Martins (1992), Brait (2005), Bakhtin (2003), Azeredo (2001), Discini (2004).

Dessa forma, o trabalho está constituído de quatro partes, sendo que a primeira – O que é leitura e sua importância - aborda reflexões sobre leitura a partir de comentários de teóricos; no segunda – Gênero do Discurso - discutimos e apresentamos colocações sobre o assunto que nos apoiam na análise dos textos. O terceiro item – A Charge - é dedicado a uma breve explicação do que é esse gênero textual e seus recursos linguísticos. O último – Reflexões e análise de charge - tratamos e fazemos uma reflexão sobre o uso de charges em sala de aula.

1 O que é leitura e sua importância

Quando falamos em leitura, pensamos logo em um livro, em romances, mas a leitura está onde quer que a gente vá, em um jornal, uma revista. É fato que a leitura ajuda muito quem a pratica, ajuda o leitor na fala, na escrita, pois quanto mais se lê mais se aprende a escrever, e escrever bem de uma maneira culta. Na maioria das vezes, não nos dedicamos à leitura, lemos de uma maneira despreziosa, mas quando nos concentramos e ficamos atentos a cada detalhe da leitura, percebemos que as coisas começam a fazer sentido, a partir daí nos tornamos leitores de fato.

Aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal, ou seja, se fomos instigados pelos pais e pela escola a ler desde pequenos, se nosso contexto de convivência nos leva a isso, pronto a probabilidade de valorizarmos a leitura e poder aprender sempre mais, ir além do previsto é realmente enorme, porém se acontece justamente o contrário, se a criança não aprende o fundamental valor da leitura, então ela nunca gostará e nem sentirá prazer em ler. É bom que ela entenda que não se lê só a palavra escrita, mas qualquer outro tipo de linguagem. Nesse sentido Martins (1992, p.30) afirma:

Seria preciso, então, considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem.

Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre leitor e o que é lido.

No entanto, estudos enfatizam que, quando gostamos ou nos surpreendemos com alguma leitura, nossa cabeça inconscientemente não esquecerá, isso destaca o valor que nossa memória tem de guardar e reter informações e nossas impressões sobre o que lemos e estudamos, porém quando não nos identificamos com alguma leitura, tratamos logo de nos esquecer e podemos chamar isso de uma defesa, ou seja, o que não nos agrada nós esquecemos.

Diante dessa discussão sobre a leitura, seus conceitos e sua importância, nós nos deparamos com o outro lado, que nada mais é do que o analfabetismo que ainda existe muito em nosso país. Desde muito tempo atrás, saber ler e escrever, era um desenvolvimento intelectual, também espiritual, possibilitando assim, a inserção do homem em uma sociedade como cidadão, o que na época era privilégio de poucos. Entretanto, aprende-se que saber ler é importante para que se tornem cidadãos, não há questionamentos, por exemplo, para que se especifique ou exemplifique a fundamental significação da leitura em qualquer ser humano, enquanto pessoa e também enquanto indivíduo. Afirmam isso Zilberman e Silva (1991, p.12):

[...] Se ainda na Antiguidade civilizações que se tornarão modelares como a helênica e, depois, a romana, induziram a juventude à aprendizagem das primeiras letras e insistiram na atribuição dessa tarefa a um órgão destinado especialmente a tal fim – a escola-, não foi antes do século XVIII da nossa era que ambas, instituição e atividade de ensinar a ler e escrever, se expandiram de modo paulatino e irreversível, atingindo aos poucos todas as áreas e segmentos do corpo social.

Logo, a pessoa alfabetizada, se não motivada, ela se limitará a estudar tão somente o que é dito na escola, ou quando muito algum jornal ou revista. Isso tem que ser modificado, deve haver motivação em relação a essas crianças, para que desde cedo elas saibam e compreendam que ler não significa apenas passar os olhos e sim se dedicar àquilo que se lê, para que a partir daí ela possa acrescentar algo em sua vida.

Contudo, aprender a ler de maneira geral, nos abre caminhos para ler e entender o mundo em que vivemos, na escola o principal papel do professor não se restringe em ensinar a ler e sim proporcionar ao aluno, oportunidades dele mesmo seguir suas vontades e trilhar seu próprio caminho, para que a partir daí ele possa aprender de maneira mais agradável. Não quer dizer que assim ele se tornará um leitor crítico e sem

dúvidas logo no início, não é isso, mas é um bom começo para que ele encontre sua realidade e se encontre no mundo.

[...] Uma compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidades e prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto (FREIRE, 1983, p.12).

A leitura se faz presente na vida do indivíduo a partir do momento em que o mesmo começa a “compreender” o mundo e tudo o que está a sua volta. Uma das primeiras práticas de leitura se dá no simples fato de decifrar as coisas que nos cercam, de descobrir o mundo. Assim, de acordo com Durigan:

A história da leitura se inicia com o homem que lê antes mesmo de escrever, lê mais que palavras, lê o que o cerca, com códigos nascidos da sua experiência e reflexão no e sobre o mundo em geral (DURIGAN, 2003, p.21).

Ler é algo que parece corriqueiro e que ao mesmo tempo é essencial para o aprendizado da criança e do adolescente, daí então a necessidade de se valorizar a leitura nas salas de aulas. Para se formar leitores é muito importante que exista uma interação entre o educador e o aluno, pois é a partir dessa relação que surgirá o interesse, e a vontade de ir em busca de conhecimento. Um dos fatores que auxilia no despertar o interesse dos alunos pela leitura, e que cabe ao professor, é o de transformar a sala de aula em um ambiente que seja atraente para a prática da leitura. O professor precisa desempenhar o papel de um mediador entre o aluno e o hábito da leitura, e para isso os alunos precisam perceber que existe uma intimidade e um domínio do professor com o texto a ser lido, desse modo acreditamos que o trabalho de leitura a ser desenvolvido será bastante satisfatório. De acordo com Paulo Freire:

Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo, ou seja, o ato de educar, de se ensinar a ler, precisa se constituir em um pacto entre o educador e o aluno (FREIRE, 1987, p.12).

É importante lembrar que foi comprovado cientificamente que as crianças que são incentivadas a ler desde pequenas, desenvolvem uma visão crítica e um melhor rendimento escolar. E é por meio da leitura que é estimulado na criança o prazer de ler os livros que lhe são apresentados e que certamente este momento será o primeiro contato com a leitura, e despertando assim a curiosidade pelo desconhecido e o aperfeiçoamento da linguagem. É através do hábito da leitura que o leitor desenvolve a capacidade de

interpretação, a criatividade, um senso crítico e desenvolve um vocabulário melhor. Quando se trata de leitura, na maioria dos casos, se relaciona ao simples fato de ler apenas o que está escrito, e leitura não é apenas isso, é mais do que sinais gráficos do texto ,o hábito de ler segundo Durigan:

Ler antes de tudo compreender e não decifrar. A leitura não é só uma ponte para a tomada de consciência do que o texto diz, mas uma possibilidade de se perceber como sujeito inserido no mundo (DURIGAN, 2003, p 30).

O ato de ler proporciona ao leitor elementos que o auxiliam no desenvolvimento de uma postura crítica diante do texto, dentre todos os benefícios da leitura ainda existe a relação dialógica, pois permite que o leitor converse com o texto, e faz uma reflexão do que está sendo lido, ressaltando que não faz a leitura apenas do que está escrito, pois lê-se também o que está nas entrelinhas do texto. Martins (1992) nos revela que no momento em que a leitura desperta no leitor sentimentos como a alegria, tristezas, emoções, lembranças, fantasias, deixamos de fazer uma leitura intelectual e passamos para o nível de leitura emocional, ou seja, quando o texto consegue mexer com o inconsciente do leitor, assim também acontece nos outros níveis de leitura. No nível racional, em que o leitor está disposto apenas em compreender o texto com o objetivo de ter um entendimento maior, nesse nível ele não se deixa envolver pela leitura como no nível emocional, pois mantém um distanciamento, ou seja, não se envolve com o contexto, por vezes o leitor crítico se utiliza somente do campo racional, das ideias já estabelecidas e ele faz essa leitura de maneira que fique evidente a ele a pessoa como um ser único e individualizado, porém após se interessar pelo contexto, o leitor se deixa levar por considerações feitas anteriormente por outros leitores, assim fazemos referência a Martins:

Ele endossa um modo de ler pré-existente, condicionado por uma ideologia. Tal postura dirige a leitura de modo a perceber no objeto lido apenas o que interessa ao sistema de ideias ao qual o leitor se liga. Muitas vezes se usa, então, o texto como pretexto para avaliar a até provar asserções alheias a ele, frustrando o conhecimento daquilo que o individualiza (MARTINS, 1992, p.64).

Sabemos que a leitura traz benefícios para o leitor, pois o conhecimento pode ser encontrado através da leitura e como consequência formar indivíduos conscientes, possibilitando assim que eles tenham uma visão melhor, não apenas da sociedade em que vivem, mas de si mesmos, ler amplia os horizontes e nos revela caminhos novos.

O leitor comum não se interessa profundamente no funcionamento do ato de ler, porém se ele se coloca a pensar, perceberá que a leitura não se restringe somente em ler, há três níveis básicos de leitura, são eles: sensorial, emocional e racional, como já foi citado anteriormente, tais níveis são inter-relacionados.

Cada um de nós tem uma visão diferenciada do que é a leitura, para alguns ler não tem tanta importância assim, leem o que está disponível no dia-a-dia, como jornais, revistas. Entretanto, há também leitores específicos e diferentes, que possuem o ato de leitura como algo sagrado, procuram leituras mais aprofundadas com algum fundamento, e se descobrem leitores mais críticos e não mais como um leitor comum.

Na leitura sensorial podemos destacar todos os nossos sentidos, como por exemplo, quando uma criança começa a se relacionar com o mundo, ela se utiliza da leitura sensorial e permanece durante toda a vida. É através destes sentidos que somos despertados para a leitura quando criança, com o aspecto lúdico, a brincadeira dos sons, cores e imagens. Com os efeitos da leitura sensorial, a criança vai aos poucos compreendendo o que é a leitura e se transformando em um leitor e, assim, aprendendo a distinguir e especificar o que ela gosta de ler e o que não gosta. A leitura sensorial instiga especialmente as crianças que ficam admiradas pelas imagens, cores e desenhos, todos esses aspectos despertam o interesse e a atenção das crianças, e assim elas percebem que a leitura se torna tão prazerosa quanto as brincadeiras e outras coisas, assim afirma Martins:

A leitura sensorial vai, portanto, dando a conhecer o que ele gosta ou não, mesmo inconscientemente, sem a necessidade de racionalização, justificativas, apenas porque impressiona a vista, o ouvido, o tato, o olfato ou o paladar [...] (MARTINS, 1992, p.42).

O livro é um objeto que impressiona de início pela capa, forma, ou seja, por sua aparência e isso pode ser bom ou ruim, alguns racionalistas dizem que isso não importa, pois o mais importante é o que está escrito, é o que está por de trás da capa, mas não podemos ser racionais quanto ao objeto “livro”, já que estamos falando de sentidos e de leitura sensorial, a partir disso tudo tem sua devida importância.

[...] o importante nos livros está nas entrelinhas ou atrás das palavras impressas, o que se quer dizer é aquilo que os livros contêm, não é diferente da vida. Escritos por homens eles refletem o que é humano (LISBOA, 1977, p. 82).

Ao ler, primeiro devemos estar completamente livres, concentrados para que possamos então nos dedicar inteiramente àquela leitura, àquele momento, sendo assim estaremos prontos para receber dessa leitura qualquer coisa, deixamos que ela nos desperte para uma leitura feliz ou não, também a curiosidade, a fantasia, que logo despertará algumas lembranças, daí por diante, deixaremos de ler por ler, estaremos fazendo uma leitura relacionada ao nosso lado emocional.

No que se trata sobre a leitura emocional temos também vários pontos de vista, um deles é que lidamos diretamente com os sentimentos, logo podemos dizer que não lidamos com as objetividades, já que sentimentos são involuntários, ou seja, quando falamos de emoções, deixamos de lado a razão e somos levados pelo coração, perdemos o controle, e nos entregamos mais à leitura em si, pelo fato de ser uma leitura mais envolvente e prazerosa. Nesse tipo de leitura, os aspectos estão ligados diretamente com o que a leitura provoca no leitor, no caso das crianças, elas se mostram diferentes do adulto, a criança parece mais receptiva quanto às novas descobertas que o livro lhe proporciona, elas têm fome de aprender, já o adulto, muitas vezes, se esquivava do que é novo, age com receio.

A criança tende a ter maior disponibilidade que o adulto pelo simples fato de, em princípio, tudo lhe ser novo e desconhecido e ela precisar conhecer o mais possível a fim de aprender a conviver com esse mundo. Assim sendo, não só é mais receptiva como mais espontânea quanto a manifestar emoções. Acaba então revelando a empatia de modo até exacerbado [...] (MARTINS, 1992, p.52).

Em uma terceira visão sobre a leitura, encontramos a leitura racional, que não é nada mais do que a leitura que se dá através do intelectualismo, que não lida com emoções, com vontades e sentimentos, é relacionada ao intelecto apenas por isso recebe o nome de racional. Esse nível de leitura é necessário para compreender tanto o tipo de leitura sensorial e a leitura emocional, embora o contrário não exista, ou seja, para fazer uma leitura emocional ou sensorial não temos a necessidade da leitura racional, pois esses dois níveis de leitura se aproximam em seus aspectos, pois lidam diretamente com os sentidos e emoções.

A leitura racional não tem importância apenas no âmbito intelectual, tão somente por lidar com a razão, mas sim pelos benefícios que essa leitura proporciona ao leitor, possibilitando-o ver o mundo de outra forma, com novas expectativas, ampliando seus horizontes e adquirindo mais conhecimento. Esta visão de leitura racional se dá quando o leitor visa mais o texto em si, faz sua compreensão, indagação e existe diálogo

com o texto, trata-se de uma leitura mais demorada, e exige mais do leitor. Geralmente quem tem o costume de fazer uma leitura neste nível se interessa por todo o processo de criação do texto, o que não acontece com os outros dois níveis de leitura. Por isso o leitor no nível racional se torna mais perspicaz em relação às possibilidades que ele terá a partir disso, pois ele terá condições de fazer qualquer leitura e compreenderá qualquer texto e quanto mais ler, mais ele terá conhecimento e experiência para leituras futuras.

Importa, pois, na leitura racional, salientar seu caráter eminentemente reflexivo e dinâmico. Ao mesmo tempo que o leitor sai de si, em busca da realidade do texto lido, sua percepção implica uma volta a sua experiência pessoal e uma visão da própria história do texto, estabelecendo-se, então, um diálogo entre este e o leitor com o contexto no qual a leitura realiza. Isso significa que o processo de leitura racional é permanentemente atualizado e referenciado (MARTINS, 1992, p.66).

Esses três níveis de leitura, sensorial, emocional e racional, respectivamente acontecem em ordem cronológica, quando pequenos nós ficamos atentos às cores, às formas e aos sons, isso se trata de sentidos, portanto sensorial. Depois adquirimos a emocional, em que colocamos toda nossa emoção e nos deixamos envolver por uma determinada leitura, e por último a racional, que é quando conseguimos fazer uma compreensão mais aprofundada do texto lido, lemos com o intelecto, com a razão e com esse hábito de leitura nos tornamos leitores críticos, sabemos distinguir um bom livro, uma boa leitura de uma leitura comum. E por falar em leitura comum, quando o leitor comum passa a ser um leitor crítico, toda aquela leitura do dia-a-dia, como o jornal, uma revista tudo isso se torna uma leitura mais agradável e fundamental.

Contudo, podemos observar, é que todo este processo deve existir para que o leitor evolua, tanto como “eu” para o mundo, quanto em relação à leitura, independentemente do tipo de leitura que se faça, pois, se não houvesse essa evolução, faríamos a mesma leitura sempre e correríamos o risco de provocar a inércia do texto, ou seja, se quando pequenos lermos um texto nos identificaríamos somente com o nível sensorial, e quando adultos se lêssemos o mesmo texto, percebemos que se trata de outro tipo de leitura, porque adquirimos mais experiência e conhecimentos, será uma leitura mais complexa. Como bons leitores, precisamos dessa evolução intelectual. É preciso ainda, perceber no texto o jogo entre o que é dito e o que é mostrado, perceber, enfim, que o texto não é neutro, mas veicula valores que precisam ser percebidos.

Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade – forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimento e enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação. Na verdade, essa interpretação traduz, além de um etnocentrismo, uma perspectiva unilateral: etnocentrismo, porque a leitura é vista com desconfiança, em certas culturas, às vezes utilizadas com instrumentos de opressão; perspectiva unilateral, porque os valores atribuídos à leitura expressam a visão, numa sociedade de classes, dos grupos que mantêm, a posse e o controle dos modos de produção (SOARES,1991, p.19-20).

Assim, aprendemos a compreender e a distinguir cada um dos níveis de leitura a qual o texto se refere. É de extrema importância que estejamos sempre aptos e dispostos para evoluirmos e crescermos como leitores críticos e atuais.

O objetivo principal é compreender o que é a leitura, aprender o real entendimento de leitura, no que o hábito de ler pode nos ajudar enquanto pessoas, e talvez apenas conhecer o próprio sentido de ler. Sobre leitura Joel Birman afirma:

Implica duas operações fundamentais, que podemos denominar com Barthes e Campagnon, *reconhecimento e compreensão* [...], pois, enquanto no reconhecimento o leitor é surpreendido pelo impacto da leitura, enquanto na compreensão ele se reordena pela elaboração do sentido impactante (BIRMAN, 1994, p.105).

Devemos ter em mente que não há leitura tão complexa que não sejamos capazes de conseguirmos realizá-la, devemos ler o texto não apenas uma única vez, é preciso ler uma, duas, três vezes, quanto mais nos aprofundarmos nessa leitura, mais fácil será a compreensão e o entendimento do texto. Muitas vezes ao nos entregarmos inteiramente a essa leitura que anteriormente nos parecia impossível de compreender, no decorrer da leitura vamos descobrindo aspectos e características de outros textos já lidos anteriormente, e assim podemos fazer essa relação existente entre os textos e entendermos o texto em sua totalidade.

Quando o ser humano, o leitor especificamente tem sede e fome de aprender e buscar novas experiências, e principalmente novos conhecimentos, ele percebe que devemos nos questionar, por em prática nosso senso crítico, discutir a respeito do texto, dialogar com o que estamos lendo, só assim, nos sentiremos sempre instigados a ler sempre mais, mesmo quando, à primeira vista, a leitura nos pareça complicada ou complexa demais com o pouco que sabemos, por isso sim temos mais um motivo plausível para realmente levar essa leitura até o fim, por causa do desafio. Há leituras que nos desafiam a todo momento, não podemos nos deixar levar pelo preconceito e desistir de

entender o que o texto quer nos falar, pois toda leitura sempre tem nas suas entrelinhas uma mensagem para transmitir ao leitor, enfim o importante diante da leitura é questionar, refletir, discutir com o texto.

2 Gênero do discurso

Desde que o ser humano habita no mundo, busca-se expressar e comunicar. Isso faz parte da condição humana. Inicialmente, o homem se comunicou por gestos e desenhos feitos nas cavernas. Após esse período, expressou-se por meios de palavras e textos. Hoje, a comunicação expressiva está presente em todas as áreas, seja por meio de gestos, por palavras ou sorrisos. Deste modo, estamos sempre ligados à linguagem, seja ela verbal ou visual.

Podemos afirmar que estamos ligados ao uso efetivo da língua, que está relacionada a todas as esferas da atividade humana. Para tanto, é preciso entender as reflexões de Bakhtin a respeito dos gêneros discursivos. Machado cita Bakhtin que afirma:

A linguagem participa na vida através dos enunciados concretos que a realizam, assim como a vida participa da vida através dos enunciados (BAKHTIN apud MACHADO, 2005, p. 156).

Os enunciados configuram tipos de gêneros discursivos e funcionam, em relação a eles, como “correias de transmissão” entre a história da sociedade e a história da língua (BAKHTIN apud MACHADO, 2005, p. 156).

O pesquisador russo Mikhail Bakhtin (2003), no começo do século XX, iniciou estudos da linguagem e da literatura, sendo o primeiro a empregar o vocábulo “gênero” de um modo que o sentido da palavra fosse mais amplo em relação aos tipos textuais.

Segundo os estudos realizados por Mikhail Bakhtin, sobre os gêneros discursivos, considera-se importante o dialogismo existente no processo de comunicação, e não apenas a classificação de espécies dos gêneros. A reflexão do autor sobre o dialogismo nos meios comunicativos vai além do domínio da voz.

Inicialmente, as considerações de Bakhtin (2003), a respeito dos gêneros do discurso foi relacionada com uma contestação à Poética de Aristóteles, pois Bakhtin apresenta suas formulações para serem entendidas como novos argumentos sobre a teórica clássica dos gêneros, e também para ser visto não apenas como interação de

contextos culturais por meio da “palavra”, mas sim para ser compreendido como linguagem da comunicação. Bakhtin (2003), afirma que há necessidade de uma análise não apenas do uso dessa linguagem como forma de se comunicar, mas sim um estudo sobre a prática comum que difere o uso dentro do discurso.

Todos os textos produzidos, sendo orais ou escritos, possuem algumas características, que em alguns casos o leitor possa ter conhecimento delas ou não. São essas características que diferem os tipos de gêneros textuais, que podem ser identificados por três aspectos básicos coexistentes: o assunto, a estrutura e o estilo.

O início para a discussão sobre a noção de gênero é estabelecido por Bakhtin:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) [...]. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [esferas da atividade humana], não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2003, p. 279).

Deste modo, tendo como referência as ideias bakhtinianas percebemos o distanciamento da teoria clássica dos gêneros discursivos e conseqüentemente surgindo espaço para a diversidade dos tipos de linguagens.

Os gêneros do discurso são manifestações do diálogo. A língua e a vida se relacionam por meio de enunciados concretos, a linguagem, no entanto não é apenas uso de palavras soltas, ela se manifesta por meio de textos, ou enunciados. Portanto, é interação de dois indivíduos que são: o falante e o ouvinte.

Fiorin (2006), referindo-se a Bakhtin, comenta que os gêneros são tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. O conteúdo temático é um domínio de sentido de que se ocupa o gênero. A construção composicional é o modo de organizar o texto, de estruturá-lo. O ato estilístico é uma seleção de meios linguísticos, de meios lexicais, gramaticais, em função do interlocutor e de sua compreensão responsiva ativa do enunciado. De acordo com Fiorin, em relação ao pensamento de Bakhtin:

O gênero estabelece, pois, uma interconexão da linguagem com a vida social. A linguagem penetra na vida por meio dos enunciados concretos e, ao mesmo tempo, pelos enunciados a vida se introduz na linguagem. Os gêneros estão sempre vinculados a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições específicas suas finalidades. Conteúdo temático, estilo e organização composicional constroem o todo que constitui o enunciado, que é marcado pela especificidade de uma esfera de ação (FIORIN, 2006, p. 61-62).

O gênero une estabilidade e instabilidade, permanência e mudança. De um lado, reconhecem-se propriedades comuns em conjuntos de texto; de outro, essas propriedades alteram-se continuamente. Isso ocorre porque as atividades humanas, segundo o filósofo russo, não são nem totalmente determinadas nem aleatórias. Nelas, estão presentes a recorrência e a contingência. A reiteração possibilita-nos entender as ações e, por conseguinte, agir; a instabilidade permite adaptar suas formas a novas circunstâncias (FIORIN, 2006, p.69).

Para Machado (2005), Bakhtin distingue os gêneros discursivos em primários e secundários: os primários não exigem muita padronização, pertencem à comunicação verbal, portanto são mais espontâneos. Os gêneros secundários, por sua vez, são mais complexos, exigem maior elaboração, como os textos jornalísticos, religiosos, científicos, literários, políticos entre outros.

Os gêneros secundários – tais como romances, gêneros jornalísticos, ensaios filosóficos – são formações complexas porque são elaborações da comunicação cultural organizada em sistemas específicos como a ciência, a arte, a política (MACHADO, 2005, p. 155, grifo meu)

Ao tratar dos gêneros discursivos, ressalta um elemento preponderante: o estilo, para a estilística clássica/ tradicional, o estilo é individual, pessoal, enquanto que, na concepção bakhtiniana, o estilo é coletivo, pois há uma interação com o outro, ou seja, o enunciador constitui o seu texto em relação ao outro, fundamentado nas reflexões Bakhtin e nos estudos de Brait (2005, p.80):

[...] o estilo se apresenta como um dos conceitos centrais para se perceber, a contrapelo, o que significa, no conjunto das reflexões bakhtinianas, dialogismo, ou seja, esse elemento constitutivo da linguagem, esse princípio que rege a produção e a compreensão dos sentidos, essa fronteira em que eu/outro se interdefinem, se interpenetram, sem se fundirem ou confundirem.

No entanto, em um texto as palavras devem estar inseridas em um contexto. Tais palavras apresentam juízo de valor, pois os valores atribuem uma postura incontestável, identificando não apenas o estilo, mas a característica ideológica do texto.

O estilo, portanto depende de outros recursos da comunicação verbal; dos discursos de outro, resultado de uma visão de mundo, constituindo- se em oposição a outros estilos.

Para a compreensão de estilo no social, Bakhtin (2003), nomeia três participantes, sendo o autor, o herói, o ouvinte. O autor é quem fala, quem escreve, o ouvinte é o destinatário e o herói é o objeto, é o assunto do que ou de quem se fala. Essa relação entre autor, ouvinte e herói é que determina o estilo e é nessa relação que o texto irá se relacionar com palavras carregadas de valores de acordo com o seu destinatário, no entanto essas escolhas estarão contextualizadas na vida. O texto, sendo verbal ou não verbal tem que conter sentido para aquele que irá recebê-lo, para o público destinado. De acordo com Bakhtin (2003);

[...] Essa forma de concepções do destinatário se determinam pela área da atividade humana e da vida cotidiana a que se reporta um dado enunciado. A quem se dirige o enunciado? Como o locutor (ou o escritor) percebe ou imagina o seu destinatário? Qual é a força da influencia deste sobre o enunciado? É disto que depende a composição sobretudo o estilo, do enunciado. Cada uma dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem a sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero.

Desse modo Brait (2005), afirma que para Bakhtin, o estilo se distingue nas singularidades, particularidades, constituindo- se do outro. A singularidade estará necessariamente em diálogo com o coletivo, em que textos verbais, visuais, ou verbo-visuais deixam ver, em seu conjunto, os demais participantes da interação em que se inserem e que por força do dialogismo, incide sobre o passado e o futuro.

O estilo está ligado também ao gênero que determinará o seu próprio estilo. Portanto, quando o texto é transposto de um gênero para outro, automaticamente muda-se de estilo.

Quando há estilo, há gênero. Quando passamos o estilo de um gênero para outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruimos e renovamos o próprio gênero (BAKHTIN, 1997, p.286).

Com isso é preciso levar em consideração o objetivo do texto, para quem se está falando, qual é o assunto geral do texto, como por exemplo, nos textos em que o objetivo seja o de convencer o leitor sobre suas ideias, o autor faz o uso de um texto argumentativo, ou para contar uma história já se trata de um texto narrativo.

Com isso, é possível consideradas várias formações discursivas que existem no campo da comunicação, seja pelos meios em massa ou pelas modernas mídias

digitais. Ressaltando que esses não foram estudados pelo autor. Tratando se de gêneros, passaremos a refletir sobre o gênero a charge.

3 A charge

O termo Charge vem de um empréstimo linguístico, ou seja, esse termo é “emprestado” do francês, que significa carregar, exagerar. Este gênero ficou conhecido como a maneira de retratar a realidade com a ajuda das imagens, caricaturas e das palavras.

Sem o contexto, é impossível interpretar a charge e, com o distanciamento temporal em relação ao fato, a charge vai perdendo sua capacidade de comunicação. A charge é um tipo de registro da história que necessita, para uma interpretação aberta estar relacionada aos eventos político e culturais de seu tempo (NERY, 1998, p. 87).

Este tipo de gênero aborda de uma maneira harmoniosa os dois tipos de linguagens: a linguagem verbal e a linguagem não verbal, e é vasto em recursos linguísticos. Possui um estilo de ilustrações que tem por função satirizar algo, fazendo uso de caricaturas carregadas de exagero nas características das personagens abordadas pela charge. É a partir disso que surge a possibilidade de ensino não apenas da leitura, mas também da escrita da língua português através de uma análise das charges. Em relação aos aspectos que auxiliam o desenvolvimento de atividades com a utilização das charges no trabalho e no desenvolvimento da leitura, fazemos referência a Pereira:

1) o material dos textos chargísticos compõem um manancial pouco explorado no contexto escolar, embora sejam exuberantes e dignos de análise; 2) a intertextualidade é um recurso produtivo em sala de aula para subsidiar a competência argumentativa dos alunos a partir de relações lógico-discursivas trazidas à tona pelo gênero charge, que tem em sua natureza, a capacidade de abordar temas polêmicos como a política, a religião, os conflitos sociais etc.; 3) as charges estão presentes no dia-a-dia em jornais, revistas, outdoors, além de provocarem o humor e, conseqüentemente, o prazer no leitor (PEREIRA, 2006, p.102).

A leitura tem uma função de suporte para o leitor que vai analisar uma charge, pois ele consegue distinguir e perceber o sentido dentro do contexto da charge tendo por base seus conhecimentos, pois todas essas características citadas por Pereira (2006), servem para despertar no leitor uma visão mais crítica e estimular que esse leitor se posicione diante da charge de acordo com um determinado conhecimento da realidade, pois cada charge possui um foco principal dentro do seu contexto. E a partir da

intertextualidade que existe entre a imagem e do fato abordado pelo contexto da charge, que pode se referir a várias circunstâncias, sejam políticas, de fatos sociais, históricas, acontecimento esportivos ou sócio-cultural. O leitor, com a habilidade de perceber essas marcas implícitas propostas pelo autor, tem a facilidade de compreender e notar o sentido, a denúncia ou a crítica que a charge nos relata. A interpretação deste gênero requer do leitor uma preparação, ou seja, esse leitor necessita de conhecimentos linguísticos para entender a escolha e a intenção do autor diante das marcas presentes dentro da charge. Devemos sempre lembrar que o propósito das charges sempre é a sua intenção comunicativa em relação ao mundo em que o leitor conhece, daí os temas abordados são sempre voltados à realidade desse leitor.

Tudo isso fica evidente o grande desempenho no processo da leitura trabalhada com a charge. Esse gênero que é produzido demonstrando competência textual, possibilita tanto para o professor quanto para o aluno um desenvolvimento e uma formação da capacidade de percepção de sentidos, e de uma visão crítica e linguística. Cada charge a ser analisada parte do princípio de qual contexto ela está inserida, do momento e do tema abordado. O gênero chargístico é uma maneira de manifestação comunicativa, porém para o leitor fazer uma interpretação das charges, é necessário que ele tenha adquirido por meio da leitura algum conhecimento sobre a temática abordada pelo contexto da charge a ser analisada, fazemos referência ao autor Edson Carlos Romualdo (2000):

Isso dá ao leitor a possibilidade de relacioná-los e, até mesmo, usar esses outros textos para auxiliar na interpretação da charge. Nos casos em que as relações intertextuais se dão com textos que não estão no jornal, cabe ao leitor fazer a recuperação desses intertextos para inteirar-se mais profundamente da mensagem transmitida pelo texto chargístico (ROMUALDO, 2000, p. 05).

Este gênero possui aspectos que permitem uma facilidade de leitura, pois o autor se utiliza de recursos como o humor e a ironia para fazer críticas e satirizar determinado acontecimento, assim o leitor compreende não somente o que está explícito, mas também o implícito no texto. A charge é tomada de intencionalidade e geralmente posicionada em relação à crítica da temática abordada. O gênero chargístico, pode ter uma diversidade de tema abordado, como a charge política, a charge religiosa, a charge denúncia, charge esportiva, enfim dentre todas essas temáticas é importante que o leitor tenha conhecimento do contexto ao qual se refere à charge.

4 Reflexões e análise de charges

Essa mídia se bem utilizada em sala de aula pode se tornar um recurso para a prática de leitura. Primeiramente nossa intenção é mostrar como é possível trabalhar a leitura de uma maneira prazerosa e ao mesmo tempo criarmos um senso crítico em relação aos temas que cada charge apresenta. O uso da charge é uma maneira dos professores trabalharem com a linguagem por meio desse discurso intertextual que existe nesse gênero. Embora estejamos falando de um meio midiático presente no cotidiano da sociedade, muitas vezes esses meios passam despercebidos, e nosso objetivo é apresentar para os leitores como a charge, de uma maneira geral, e nos seus diversos tipos é um recurso rico em intertextualidade discursiva, além de ser uma ferramenta para trabalhar no que diz respeito à argumentação que as charges proporcionam aos leitores. Outras características presente nas charges é o humor, que é embutido através das caricaturas que são apresentadas nos quadrinhos das charges. Desse modo, esse aspecto facilita a realização de atividades propostas para serem trabalhadas com os alunos no momento da leitura e interpretação do texto. Sobre os tipos de charges a serem analisadas no nosso trabalho, selecionamos as charges jornalísticas e as charges de denúncia que fazem uso do humor como um meio de expressar uma determinada opinião, seja para criticar alguém ou algum determinado fato político e no caso para denunciar algo. É através do toque de humor dentro do contexto da charge que o autor consegue expressar o que está oculto ou implícito no contexto. Seguem as charges selecionadas para a análise:



Figura 1: Sobe e desce

Fonte: Disponível em: <<http://www.oreconcavo.com.br>>. Acesso em 21 set. 2011.



Figura 2: Dilma e José Serra

Fonte: Disponível em: <<http://www.juventudeptangra.com.br>>. Acesso em 21 set. 2011.



Figura 3: Ele se matou

Fonte: Disponível em: < <http://maisumbloginteligente.com>>. Acesso em 21 set. 2011.



Figura 4: Dilma e Serra 2

Fonte: Disponível em: < <http://www.geomundi.or.br>>. Acesso em 21 set. 2011.

Requião Melo, mais conhecido pelo seu pseudônimo “Borega”, trabalhou é chargista de *O Recôncavo*, onde foi por oito anos publicando charges semanalmente para o jornal *Tribuna Feirense*, na Bahia. Em 1997 publicou o livro “*As Charges de Borega*”, suas ilustrações estão disponíveis em sites sobre charges e atualmente publicada a charge em questão, no dia 22 de maio de 2010. A figura 2 foi também publicada pelo mesmo artista no site sobre charges. Na estrutura composicional que Borega se utiliza podemos perceber através das cores utilizadas, nas roupas das personagens que compõem as charges, referindo se às cores de cada partido que o candidato pertence por tanto a temática tanto da Figura 1 como na Figura 2 a eleição presidencial em que é abordado o momento de campanha eleitoral, trata-se de charges políticas. O chargista faz uso de um estilo personalizado, através do desenho feito por ele, dá ao leitor a capacidade de reconhecer cada personagem, ou seja, os rostos, embora um tanto exagerados nas feições de cada um dos políticos representados em cada charge, possibilitam ao leitor este reconhecimento. A interpretação se dá também através das expressões de cada personagem, na Figura 1, analisando a charge em principio, notamos o que está explícito no contexto, percebemos que Dilma está lendo jornal tranquilamente, já o candidato Serra está desanimado, cabisbaixo, prestes a cair, mas Fernando Henrique o segura pelo paletó. Outro aspecto é que Lula e a Dilma, candidatos ao cargo da presidência em campanha eleitoral, pertencem ao mesmo partido o PT, que é representado pela cor vermelha na vestimenta do Lula, e do outro lado representando o partido PSDB, pela cor azul, o ex presidente Fernando Henrique Cardoso. Na figura 2 notamos que está explícito o resultado das pesquisas eleitorais, percebemos isso nitidamente por existir a escada rolante ilustrando tais resultados, que Dilma está feliz sempre subindo e, ao contrário, Serra está descendo e com uma expressão de preocupação.

Retomando a importância da leitura diante dessa análise podemos afirmar que, o leitor que tem o hábito de ler teria mais facilidade de interpretar e reconhecer esses detalhes, ou seja, o que está por trás de uma simples ilustração, o que está implícito.

O autor das figuras 3 e 4 é o chargista Carlos Henrique Iotti, jornalista formado pela UFRGS, profissão que nunca exerceu, chargista e desenhista de histórias em quadrinhos, autodidata, com passagens pelos estúdios de Santiago, Edgar Vasques e Joaquim Fonseca. Trabalha atualmente em *Zero Hora* e *Jornal Pioneiro*, e personagem de maior destaque da imprensa gaúcha.

As charges de Iotti a serem analisadas também possuem a mesma temática, a política, embora a figura 3 e a figura 4, abordem um outro acontecimento histórico, a Copa do Mundo. Durante a última Copa do Mundo, em 2010, ficou muito conhecido um polvo que “adivinhou” os resultados dos jogos, por isso o chargista criou estas charges, levando em conta que se trata de um acontecimento esportivo mundialmente conhecido, o leitor que se atualiza por meio de sua leitura de mundo, ou seja, onde adquire o seu próprio conhecimento, sendo assim ficará mais fácil sua percepção da temática trabalhada pelo autor. No primeiro quadrinho da figura 3, vemos que o palpite do polvo sobre quem iria ganhar as eleições era a candidata Dilma, pois o polvo se direcionou a foto dela, já no segundo quadrinho Serra está preocupado e desconfiado de que há algum erro e por isso numa tentativa de descobrir, percebe que o polvo está com uma máscara e ao tirá-la se espanta ao ver que era o Lula. Isso nos remete ao fato de há ainda muita corrupção e manipulação de votos em torno das eleições, levando em consideração que os dois candidatos são de partidos opostos. O leitor, a princípio, não entenderia o porque de o polvo estar representado pelo Lula, mas depois compreende que foi o Lula quem apoiou a candidatura de Dilma durante toda a campanha. Na Figura 4, ainda se tratando da mesma temática, esta charge apresenta não apenas o contexto não-verbal, como também há uma fala, “ – *Quando perguntei Dilma ou Serra? Ele se matou...*” deixando claro a intenção do autor que o polvo sem saber o que responder preferiu se matar, nos levando a pensar que tanto um candidato quanto o outro não seria tão bom para ser eleito ao cargo de presidente de um país. Outra característica é que o polvo, ao ter que escolher entre um e outro preferiu se matar, se livrando da responsabilidade da escolha, fato que pode ser a representação do povo brasileiro que tem dúvidas em relação a qual candidato escolher e acabam optando pelo voto nulo ou em branco.



Figura 5: Balanço 2007

Fonte: Disponível em: <<http://www.doxacomunicacao.blogspot.com>>.

Acesso em 21 set. 2011.



Figura 6: Sistema de Ensino Público do Brasil

Fonte: Disponível em: <<http://www.abstratomudo.blogspot.com.br>>.

Acesso em 21 set. 2011.

O autor dessas duas últimas charges é Arnaldo Angeli Filho, mas conhecido como Angeli, é um dos mais conhecidos chargistas brasileiros. Em 1973, foi contratado pelo jornal *Folha de São Paulo*, onde está até hoje. A partir dos anos 80, Angeli vem desenvolvendo uma galeria de personagens famosos por seu humor anárquico e urbano. Angeli já teve suas tiras publicadas na Alemanha, França, Itália, Espanha e Argentina, mas foi no mercado de Portugal que obteve mais destaque, tendo uma compilação de seu trabalho lançado pela editora Devir em 2000. Trabalhou na rede Globo como redator de um programa infantil *TV Colosso* (1993 – 1996).

Suas charges possuem um aspecto composicional como foi explicado anteriormente, de se utilizar de personagens anônimos, pessoas comuns, para demonstrar a realidade. Os traços nos desenhos não caracterizam a fisionomia das personagens. As charges escolhidas para serem analisadas são de denúncia e têm como tema a educação no Brasil. Na figura 5 percebemos que se trata também de pessoas importantes e bem relacionadas, pois estão todos bem vestidos de terno e gravata, o que nos remete a pensar que fazem parte de alguma fiscalização. A denúncia feita através desta charge é a respeito da educação e do sistema de saúde, onde deixa explícito a realidade em que se encontra o sistema público de saúde e a educação, o descaso com que os órgãos governamentais tratam esses recursos básicos da sociedade, pois eles estão olhando para a entrada de uma rede de esgoto onde tais recursos se encontram, representando a decadência que existe em relação à Educação e à Saúde no nosso país.

Na figura 6 trata-se de denúncia, porém esta se refere somente à educação, confrontando a realidade que as crianças vivem hoje no Brasil, também pelo descaso do governo com o sistema público de ensino. A figura nos mostra que há livros, carteiras, mesas e cadeiras jogadas no esgoto, todos esses objetos que deveriam estar nas salas de aula estão indo para o lixo. Se olharmos com atenção perceberemos que há crianças, que são os alunos saindo pelos canos, o que deixa evidente a que ponto chegou a precariedade da educação no país. Nesta charge a denuncia é explícita, pois está representando a falta de atenção dos órgãos competentes, que deveriam cuidar e zelar do ensino público, e como podemos ver os recursos das escolas estão se perdendo indo tudo para o esgoto. Até as crianças estão representadas nas saídas dos esgotos, ou seja, parece dizer que se as coisas continuarem assim, não vai sobrar mais nada nas instituições de ensino no nosso país, porque até os alunos estão saindo pelos canos, quando deveriam estar usufruindo desses recursos os quais estão indo para o esgoto. Diante dessa charge trabalhada em sala

de aula, possibilita que o aluno perceba a realidade da sociedade contemporânea, e possa refletir sobre as condições em que vive em relação à saúde e a educação.

Conclusão

Todo gênero textual tem a sua funcionalidade no dia a dia. Na sala de aula, a charge é uma alternativa recheada de recursos linguísticos que o professor deve aproveitar para explorar o conhecimento dos alunos, pois além de trabalhar diretamente com a prática de leitura de texto, pratica ainda a leitura de mundo que a charge possibilita mediante a intertextualidade e dos inúmeros elementos implícitos.

A charge, tem como característica o humor, com o uso de caricaturas, e figuras faz com que os alunos se interessem mais, e ao estudá-la, desenvolvem uma visão crítica a respeito do assunto que a charge aborda e, ao mesmo tempo, trabalha a linguagem de uma forma geral. Muitas vezes o aluno se distrai muito facilmente e não se concentra em aulas totalmente teóricas, cabe ao professor ter essa percepção de mesclar teorias e práticas de leitura.

Utilizar a charge, assim como a qualquer outro gênero textual em sala de aula, traz o aluno para perto dessa aula, com interesse e fome de saber e aprender sempre mais, tanto em aprendizagem quanto em socialização de conhecimentos.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRAIT, Beth (Org). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

CHARGES. Disponível em: <<http://www.oreconcavo.com.br>>. Acesso em 21 set. 2011.

_____. Disponível em:<<http://www.juventudeptangra.com.br>>. Acesso em 21 set. 2011.

_____. Disponível em:< <http://maisumbloginteligente.com>>. Acesso em 21 set. 2011.

_____. Disponível em:< <http://www.geomundi.or.br>>. Acesso em 21 set. 2011.

_____. Disponível em: <<http://www.doxacomunicacao.blogspot.com>>. Acesso em 21 set. 2011.

_____. Disponível em: <<http://www.abstratomudo.blogspot.com.br>>. Acesso em 21 set. 2011.

DURIGAN, Regina H. de Almeida. Tecendo a leitura e as leituras. In: _____. *Leitura e competência na produção de textos: travessias e significação*, 2003. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Práticas Educativas) - Universidade de Franca.

FIORIN, José Luís. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

LISBOA, Luiz Carlos. A palavra impressa. In: _____. *Olhos de ver, ouvidos de ouvir*. Rio de Janeiro: Difel, 1977.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARTINS, M. H. *O que é leitura*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

NERY, João Elias. *Charge e caricatura na construção de imagens públicas*. 1998. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

SOARES, M.B. As condições sociais da literatura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1991. p.18-29.

PEREIRA, Tânia Maria Augusto. O discurso das charges: um campo fértil de intertextualidade. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da et al. *Ensino de língua: do impresso ao virtual*. Campina Grande: EDUEP, 2006.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia – um estudo de charges da Folha de S.Paulo*. Maringá : Eduém, 2000.